

Reflexões sobre física e economia

IVES GANDRA DA SILVA MARTINS

Ilya Prigogini é Prêmio Nobel de Química e Física. Nascido em Moscou, muito cedo foi levado para a Bélgica, onde estudou e leciona na Universidade Livre de Bruxelas, sendo também professor da Universidade do Texas, em Austin.

Talvez o renomado físico entenda mais de Direito, Economia e Política que os juristas, economistas e políticos da atualidade.

Em três de seus estudos "De Ser para se Tornar" (Un. Centro Texano para Mecânica e Termodinâmica Estatística - Austin, abril de 1978), "Tempo, Estrutura e Flutuações" (Science, 1978) e "Ordem a partir do Caos" (Universidade Livre de Bruxelas, 1979), desenvolve a teoria que lhe valeu a máxima láurea da pesquisa científica.

Descobriu o eminente autor que a química, a física e as outras estruturas evoluem para patamares de diferenciação e complexidade, através de uma composição de acaso e necessidade.

Partindo da realidade detectada das "realimentações negativas", isto é, dos mecanismos que permitem a manutenção da estabilidade, como a temperatura do corpo humano, percebeu que as ciências exatas e as ciências sociais têm em comum idên-

tico instrumental. As estruturas sociais e políticas criam continuamente seu processo de "realimentação negativa", evitando, desta forma, a desestabilização. Funcionam como um termostato doméstico, que mantém a temperatura de uma sala a nível constante, ligando o forno quando baixa a temperatura e desligando quando esta sobe, por um processo automático.

Ilya Prigogini avançou na teoria das "realimentações positivas", ou seja, aquelas que provocam as desestabilizações, tendo descoberto que, na física e na química, à medida que as pesquisas se aprofundam, sempre que ocorra uma nova ordem de indagações ou de vertentes de complexidade maior, o mecanismo das "realimentações negativas" explode, provocando o caos e a deterioração de princípios e assertivas para uma reordenação posterior, em estágio superior.

O fenômeno, segundo Prigogini, pode ser detectado desde as moléculas em um líquido aos neurônios de um cérebro, estendendo-se para as estruturas econômicas, sociais e políticas, com a mesma carga de flutuação e de certeza.

As teorias de Prigogini serviram para que Toffler embasasse, em seu diagnóstico, parte da ruptura do atual estágio civilizacional da Humanidade.

Desta longa introdução para um artigo queremos tirar duas conclusões. A primeira é de que o mérito de Prigogini foi o de mostrar que são idênticas as regras para as ciências exatas e sociais, o que já fora, no passado, demonstrado por Vico, através de teoria do "Corsi e Ricorsi". Por ela, a humanidade evolui em espirais, sendo que o estágio mais baixo do círculo posterior é superior ao estágio mais baixo do círculo anterior. A segunda é de que a combinação do acaso e necessidade, com regras próprias, não faz senão descobrir que há leis naturais em todas as ciências e que naquela mais universal, por regular todas as ciências sociais, que é a do Direito, tais leis são de relevante importância.

Sempre que o Direito positivo se afastado do Direito Natural, realimentando negativamente estágio que já deveria estar sendo realimentado positivamente, gera a crise pela inadequação das flutuações e das estruturas aos desafios crescentes e mais complexos.

Tais considerações são colocadas, em face da crise nacional (econômica, política, social e jurídica), para reflexão dos que colaboraram para que nascesse a fim de que possam se utilizar de novo instrumental de raciocínio para dela saírem.

A evidência, o Brasil desde 1973 até o fim de 1982 viveu modelos

clássicos e ultrapassados, em face da crise energética, utilizando-se exclusivamente do esquema das realimentações negativas. Seu modelo econômico, sua tentativa convitual de dois estilos opostos (estatização e livre empresa), sua agressão crescente ao mercado, na crença de elasticidade infinita da indicativa privada em cobrir os déficits orçamentários provocados pelo mau desempenho da participação estatal na economia, suas mordomias institucionalizadas e multiplicadas, sua esperança de que os empréstimos externos cobrissem indefinidamente todos os grandes projetos simultâneos de grande escala, sua insensibilidade em face da crise de junho de 79, que geraria o protecionismo internacional, sua utilização de política tributária inadequada, exagerada e descapitalizadora, sua manutenção de elevadas taxas de juros, por ser o próprio Estado o maior manipulador do sistema financeiro e já se ter utilizado do capital captado, enfim toda uma série enorme de medidas e contramedidas, já sobejamente conhecidas, levaram, durante esses nove anos, a Nação a uma política de estabilização forçada, a custa de uma crise sufocada, por processos de realimentação negativa.

Chegamos, agora, ao extremo limite da potencialidade de tais realimentações negativas, ao mesmo tempo que outras nações, em grau

menor, vivem problemas semelhantes, estando por atingir ponto de saturação equivalente ao nosso.

O dramático, entretanto, é que as medidas internas e internacionais que estão sendo tomadas para enfrentar a crise continuam caminhando pela linha das realimentações negativas, já que nada de novo, fora os esquemas tradicionais propostos e constantes dos manuais de economia de qualquer mediocre Universidade, tem sido apresentado.

Vamos, a título meramente exemplificativo, sugerir uma idéia de "realimentação positiva". O sistema financeiro é aquele que comanda a crise internacional e poderia ser utilizado para provocar tal "realimentação positiva". A idéia seria permitir que todo o dinheiro depositado no estrangeiro, pelos nacionais de cada país em desenvolvimento, fosse transferido para o seu Estado de origem, que o deixaria nos próprios estabelecimentos bancários dos países desenvolvidos, como pagamento de parcela de sua dívida externa, anistando os nacionais que tivessem o dinheiro fora e outorgando-lhes títulos da dívida pública em valor equivalente, na moeda de seu próprio país. Os estabelecimentos estrangeiros deveriam necessariamente colaborar.

Tal idéia provocaria o caos, no campo da ética administrativa, pois no campo pragmático a anistia elimi-

naria quaisquer reflexos. Poderia, entretanto, salvar o sistema financeiro internacional, na medida em que restabeleceria a confiança, que é a única matéria-prima — e fundamental — para que funcione. Caso contrário, na medida em que outros países sigam a linha dos "recicladores" já conhecidos e sejam suficientemente numerosos, a própria saúde do sistema, já abalada, pode entrar em colapso mortal. Por esta razão, é que acreditamos na colaboração do sistema internacional.

O caos, no campo moral, não seguido do caos no campo real, permitiria a reordenação, mormente se a operação se pudesse fazer com o sigilo necessário, capaz de evitar inclusive a ruptura de credibilidade daqueles que representam a classe mais abastada das nações, estejam em cargos públicos ou privados.

Como se percebe, a idéia, por fugir aos esquemas tradicionais de manutenção de estabilidade, poderia representar uma efetiva tentativa de reformulação de esquemas. Utopica, mas factível. E como estas muitas outras poderiam ser formuladas.

A idéia para concluir vale fundamentalmente para os nacionais de outros países. Seria de pouca utilidade para o Brasil, pois sabe o articulista que o País é constituído de homens honestos e que poucos, muito poucos, são aqueles que possuem dinheiro fora...